

sem. Ele me incluiu na vida dele, assim como
cluiu na minha vida. Formamos uma família
uma a cada dia. E eu sempre fui a filha
ada'vei. E desde o momento que fizemos
em estar juntos, essas coisas
nosso amor, carinho e sempre
caminho de amor, respeito e
liona. E eu sempre fui a filha
que o amor e a confiança andam
to felizes durante toda a vida
último. E os meus filhos
los. Apesar da distância, o
r um amor muito grande
rossa. E eu sempre fui a
1 corações. Nunca esqueci de
ele no dia em que a porta de
ava do Brasil. Gugu adorava
u de estas na vida. Sempre
ileta de sermuda e chnelo e fazer as coisas
mercado. Era um momento de liberdade
Gugu foi um querido e zeloso pai e mãe

MULHERES BAIANAS EM TESSITURAS DE MEMÓRIAS E FICÇÕES

subjetividades femininas



Universidade do Estado da Bahia - UNEB

José Bites de Carvalho

Reitor

Marcelo Duarte Dantas de Ávila

Vice-Reitor



Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB

Sandra Regina Soares

Diretora

Conselho Editorial

Titulares

Alan da Silva Sampaio
Antenor Rita Gomes
Darcy Ribeiro de Castro
Elizeu Clementino de Souza
Gabriela Sousa Rêgo Pimentel
Hugo Saba Pereira Cardoso
Janaina de Jesus Santos
Luiz Carlos dos Santos
Maria das Graças de Andrade Leal
Reginaldo Conceição Cerqueira
Rosemary Lapa de Oliveira
Rudval Souza da Silva
Simone Leal Souza Coité
Valquíria Claudete Machado Borba

Suplentes

Agripino Souza Coelho Neto
Ana Lúcia Gomes da Silva
Eduardo José Santos Borges
Isaura Santana Fontes
Márcia Cristina Lacerda Ribeiro
Marcos Antonio Vanderlei
Marcos Aurélio dos Santos Souza
Marcos Bispo dos Santos
Marilde Queiroz Guedes
Maristela Casé Costa Cunha
Marluce Alves dos Santos
Monalisa dos Reis Aguiar Pereira
Mônica Beltrame
Nilson Roberto da Silva Gimenes

Maria Lúcia Porto Silva Nogueira

MULHERES BAIANAS EM TESSITURAS DE
MEMÓRIAS E FICÇÕES
subjetividades femininas

Salvador
EDUNEB
2020

© 2020 Autora

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica,
resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional.
Impresso no Brasil em 2020.

Coordenação Editorial

Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design

Sidney Silva

Revisão textual e Normalização

Luisa Martins e Mônica Silva | Tikinet

Capa e Diagramação

Sidney Silva

Revisão textual de prova

Maria Aparecida Porto Silva

Revisão de diagramação de prova

George Luís Cruz Silva

FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Nogueira, Maria Lúcia Porto Silva

Mulheres baianas em tessituras de memórias e ficções: subjetividades femininas /
Maria Lúcia Porto Silva Nogueira. – Salvador: EDUNEB, 2020.
290 p.: il..

ISBN 978-65-88211-06-9

I. Mulheres – produção literária (BA). 2. Narrativas - Memória. 3. Escrita. I. Título.

CDD: 305.48

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB
Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula
41150-000 – Salvador – BA
editora@listas.uneb.br
www.uneb.br

Editora filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	17
ENTRE MEMÓRIAS E FICÇÕES: UM POUCO MAIS DE HISTÓRIA	25
PERFIS DAS MEMORIALISTAS E MEMORIALISTAS-ESCRITORAS	36
PRODUÇÃO E CONDIÇÕES DE PUBLICAÇÃO	58
“OS MATIZES DA ALVORADA JÁ COBREM A TERRA DE LUZ... PEGO O SOL COM A MÃO”: MULHERES BAIANAS EM ESCRITAS DE MEMÓRIAS E FICÇÕES	65
MEMÓRIAS, MATÉRIAS-PRIMAS DAS NARRATIVAS: “DE REPENTE, ELAS SURGEM EM AVALANCHES”	70
ESCREVER MEMÓRIAS: “LEMBRAR E RELEMBRAR... DEIXAR SOLTA A MEMÓRIA”	75
MEMÓRIAS E NARRATIVAS: ENFOQUES E OPÇÕES DE PERCURSO	81
NARRATIVAS DE PERCURSOS FEMININOS: VENTURAS E DRAMAS DO VIVER NOS SERTÕES DA BAHIA (1930-1940)	107
“HISTÓRIAS TECIDAS PELOS FIOS DA VIDA”	108
ESTUDANTES SERTANEJAS E COTIDIANIDADE ESCOLAR NO SERTÃO	119

NAS ESCRITAS DE SI, AS CIRANDAS DA SOBREVIVÊNCIA	129
DEVIRES FEMININOS EM NARRATIVAS DE MEMÓRIAS.....	148
NAS JANELAS DO TEMPO: AS ESCRITAS FEMININAS E AS TRANSFORMAÇÕES DOS COSTUMES	159
MUDANÇAS NOS COSTUMES	160
EXPERIÊNCIAS EM LONGAS TRAJETÓRIAS: “FAZENDO PLANOS, DANDO PROVIDÊNCIAS – E BOTA PROVIDÊNCIAS NISTO!”	200
“UM FIO DE LUZ E UM FIO DE LÃ”: VISÕES DO MUNDO FEMININO EM TESSITURAS.....	209
O PRAZER DA CRIAÇÃO PELA ESCRITA: UMA “OBSTINAÇÃO DE VIVER E DE CREAM” –1930-1950.....	217
CONJUNTURAS E REVERBERAÇÕES DO MUNDO FEMININO (1930-1940)	220
VOZES FEMININAS EM NOVAS TESSITURAS (1950-1960).....	231
CONSIDERAÇÕES FINAIS	269
REFERÊNCIAS.....	275

INTRODUÇÃO

O encontro com uma variedade de textos autobiográficos e memoria-
lísticos de autoria feminina, em diferentes regiões da Bahia, colocou-
-nos o desafio de conhecer, apreciar e refletir acerca das produções
escritas de mulheres baianas, tendo como objetivo trazer à luz o valor
das suas criações, seja como retratos de vida respaldados nos parâme-
tros convencionais da sociedade, seja como armas na desconstrução
das barreiras normativas que pesavam sobre os sujeitos femininos.

Na leitura e análise dos escritos, caminhamos na intenção de
averiguar até que ponto as narradoras problematizaram o conjunto
das prescrições de uma sociedade antes e depois dos avanços tecno-
lógicos e do progresso, instalados em vários ritmos pelo território
baiano, e que articulações foram estabelecidas pelas memorialistas de
cada geração acerca das demandas femininas mais prementes em sua
época, tais como a luta por direitos sociais, igualdade no mundo do
trabalho, inserção em novos espaços ou reivindicações por uma vida
mais autônoma. Buscamos perceber o valor da escrita nos processos
de formação, desenvolvimento pessoal, desafios da vida sertaneja,
emancipação e emergência de vozes femininas, aproveitando os con-
teúdos descritivos das obras na relação tempo-espaço.

Múltiplas em temas, enfoques, modos de narrar, apoiadas em
memórias individuais ou coletivas, atreladas ou não aos seus grupos
de pertencimento e às memórias sociais de sua região, as escritas dei-
xariam entrever processos de mudanças em curso, transformações de
valores morais, de usos e de costumes? A partir de tais mudanças, foi
possível ocupar novos lugares sociais e compor novas configurações
do feminino?

Do grande número de narrativas inventariadas – 19 no total –,
todas são por nós consideradas de grande valor para os estudos das

singularidades do dia a dia e para a compreensão dos diversos contextos baianos, entretanto, selecionamos apenas dez para a nossa análise, cujos perfis das autoras serão traçados em minúcias ao longo do texto e, por ora, apresentadas de forma resumida. Entre elas, identificamos uma maioria de professoras, formadas nas Escolas Normais, que escreveram inicialmente memórias e romances autobiográficos e, dando continuidade à prática, produziram gêneros literários diversificados, como contos, romances, matérias jornalísticas, crônicas, literatura infantil ou poesias. Consideradas aqui como memorialistas-escritoras e pertencendo a diferentes estratos sociais, nenhuma delas sobreviveu apenas da arte de escrever; essa foi uma atividade desenvolvida paralelamente aos trabalhos de docência, aos quais cinco delas se dedicaram por longos anos – por vezes em cargos de direção e coordenação de escolas – até a aposentadoria. Outras quatro se dedicaram ao magistério por curto período, encaminhando-se para atividades variadas, a exemplo de Zelinda Rodrigues Lima Teixeira (Caetité), que lecionou um ano na Escola Normal de Caetité, em 1926, assumindo depois de casada as tarefas de fazendeira junto com o marido. Apenas uma, de Palmas de Monte Alto, que concluiu o Ensino Médio aos 74 anos, não fez opção pelo magistério e não produziu outros trabalhos escritos além do seu texto de memórias.

A seleção das produções não se prendeu às avaliações da crítica literária, mas buscou principalmente descortinar escritos que não foram divulgados ou não galgaram patamares de reconhecimento, devido às limitações de ordem material ou ideológica em cada contexto. A intenção foi tornar audíveis e dizíveis vozes e sujeitos femininos desfavorecidos pela documentação oficial, ou ainda, considerar escritos feitos por mulheres comuns, que escreveram sem a intenção de “fazer carreira” no campo literário. Entretanto, não foram excluídas algumas que se lançaram na prática de uma escrita como arte, produzindo obras de reconhecido valor pela crítica literária, a exemplo de Elvira Foepfel, comparada à Clarice Lispector.

O Centro-Sul Baiano – especialmente a região conhecida como Alto Sertão – é o espaço onde está concentrada a maior parte das memorialistas-escritoras, embora haja destaque para uma do Médio São Francisco – Joana Comandaroba – e uma do Sul Baiano – Elvira Foepfel. Muitas outras mereceram atenção e foram citadas em uma abrangência maior do território baiano, em averiguações dos pontos convergentes entre elas.

A demarcação do território baiano como campo de pesquisa foge à intenção de encontrar uma identidade de textos ou fazer analogias ligadas à ideia de baianidade das autoras. Ao contrário de estudos anteriores, nos quais buscamos a representação da mulher na literatura do escritor baiano João Antônio dos Santos Gumes (1859-1930), o enfoque agora se volta para a própria escrita feminina, com a intenção de apontar os usos e significados dessa prática e trazer para o centro da discussão a presença das mulheres em momentos de reencontro consigo mesmas – ainda que em identidades momentâneas e diversificadas – e suas visões de mundo em outras épocas e em diferentes gerações.

O recorte temporal estribou-se na constatação de que a Escola Normal de Caetité, em funcionamento desde 1926, foi um espaço vivenciado por quase todas. As que ali não estiveram, frequentaram outras escolas normais. Consideramos, no entanto, que esses cursos de formação estiveram imersos nas configurações socioeconômicas e culturais instaladas na perspectiva de fortalecimento do Estado Nacional desenvolvimentista, que projetou na educação feminina os ideais de formação da nação. Nesse sentido, as medidas implementadas no sistema de ensino, especialmente nas escolas normais, cumpriam rituais de controle e vigilância, abraçadas também por outras instituições que inculcavam, dia após dia, modos de ser e viver afinados com seus esquemas de dominação.

Esse recorte não ignorou evidências posteriores, no que tange ao crescimento das autoras em suas trajetórias, uma vez que, à exceção

das tramas romanescas, muitas, no momento da escrita, já viviam a chamada “terceira idade”. As produções femininas carregadas de imaginação e de elementos ficcionais foram feitas por autoras em fases de menos idade, como Lourdes Bacelar, escritora baiana – cronista e poetisa – que começou a publicar aos 18 anos, e Elvira Foepfel, que publicou poesias em jornal desde os 21 anos e seu primeiro livro aos 33 anos. Zelinda R. L. Teixeira escreveu um romance aos 42 anos. Outras produções nesse mesmo gênero se deram em estágios de maturidade, em torno dos 60 anos, como as de Maria Lúcia Prisco Novato e Terezinha Teixeira Santos, que fizeram suas primeiras publicações aos 56 e 57 anos, respectivamente.

Todas elas, no entanto, escreveram acerca da infância, da adolescência e dos respectivos espaços vivenciados, mas, também, sobre fases subsequentes, denotando as mudanças operadas no correr de suas vidas. Nesse particular, nossas reflexões buscaram identificar a percepção de tempo das autoras diante das transformações socioculturais que foram ocorrendo entre sucessivas gerações e seus estilos quanto às formas e condições inovadoras de envelhecimento. Essas gerações foram averiguadas no sentido de evidenciar as características e formas de identificação de cada uma, semelhanças e diferenças entre elas, pensadas na relação com as posições sociais, os territórios de pertencimento e os múltiplos ritmos de tempo de suas vivências.

Nos processos de escrita, as autoras perceberam e viveram as tensões e os embates de suas gerações, colocando-se entre as pressões pela inovação de usos e costumes, pela substituição de valores, pelo respeito ao “dever ser” imposto pelo pensamento conservador e pelo rompimento com esse modelo, rompimento com a família, com a terra natal, para buscar formas de individuação com mais independência. A maioria, no entanto, escreveu na perspectiva de valorização do local e de preservação de memórias suscetíveis ao desaparecimento diante dos ritmos intensos de circulação das novidades e de instalação do novo. Seus registros, em uma profusão de informações, perseguem a

valorização do local, como um “demarcar terreno” em situações próprias de movimentos de massificação de um mundo cada vez mais globalizado.

O movimento feminista das décadas de 1960 e 1970 refletiu-se no volume das produções e publicações femininas, recheadas pelas denúncias dos mitos de determinismos biológicos da natureza das mulheres, assim como na recuperação de uma história com a presença do sujeito feminino, desconstruindo criticamente o pensamento patriarcal hegemônico na cultura ocidental. Nesse sentido, buscamos investigar se as mulheres que escreveram sobre as décadas de 1920 a 1960, fazendo-o em um tempo distanciado do vivido, tiveram a percepção do peso dessa estrutura patriarcal e como se colocaram na relação com essa mesma estrutura.

Perseguindo a trilha das experiências registradas pelas mulheres em seus escritos, buscamos traduzir perfis, subjetividades e formas de inserção nos espaços das suas convivências, trazendo à tona os diferentes lugares dessa presença feminina e as contrapartidas entre experiências e constituição de subjetividades, principalmente quando desenraizadas de modelos preexistentes. Estudiosos da cultura, como Hall (2011), e do feminismo, como Dias (1992, 1998), Scott (1990, 1999) e Rago (2002b), apontam a força do movimento feminista nas mudanças conceituais do final do século XX que promoveram oportunidades de novos espaços para o feminino, rumo às conquistas desejadas por esses sujeitos.

Dois aspectos da visibilidade dos escritos femininos foram considerados. Um ligado à existência das produções femininas, o que escreveram, como escreveram, como garantiram o direito de tê-las e guardá-las ou publicá-las, e outro que diz respeito às condições e possibilidades de publicação. Publicar livros, na primeira metade do século XX, era tarefa muito difícil para mulheres, porque além de enfrentarem a falta de reconhecimento e a exclusão no mundo das letras, além do monopólio em que se fechavam os arautos da literatura nas

academias de letras, enfrentavam ainda a posição das editoras, que, presas às regras de mercado, preferiam manter a cultura de descrença nas potencialidades dessas produções.

Dessa forma, muitas escritas femininas só encontraram espaço no último quartel do século XX, momento em que houve um crescente interesse do público leitor aliado às novas tendências mercadológicas. Foram encontradas poucas publicações das décadas de 1940 a 1960, portanto, predominaram as edições feitas entre 1990 e 2013, em gráficas de pequenos portes, localizadas principalmente nas cidades de residência das autoras e feitas com ônus para si próprias ou para suas famílias interessadas em preservar as memórias escritas. Era grande a dificuldade para se conseguir algum “padrinho” ou empresa para o apoio financeiro no difícil empreendimento de publicar.

Diante da escassez de publicações no período em estudo, foram utilizadas outras fontes bem singulares e diversas, avultando-se em importância os manuscritos achados de uma escritora até então desconhecida e outros materiais como cadernos de anotações e produções jornalísticas de algumas narradoras. Na intenção de perceber a presença concreta da produção feminina, participação e visibilidade de narradoras e escritoras em seus contextos sociais, foram realizadas pesquisas em vários arquivos públicos do estado da Bahia.¹ O recorte temporal aqui proposto permitiu-nos ainda uma contribuição da História Oral a partir da realização de entrevistas com autoras ou pessoas que conviveram com as autoras, relatos testemunhais, além de visitas *in loco* aos espaços descritos. Os processos-crimes ajudaram a compor quadros conjunturais das realidades apresentadas nos escritos das memorialistas-escritoras, principalmente no enfoque às vicissitudes e circunstâncias da vida nas regiões baianas. No contraponto, essas fontes, passando pelo mesmo crivo que as outras, vieram

¹ Jornais pesquisados: Filhinha, O Bem-te-vi, O Horizonte, O Cinzel, O Pequeno, O Riocontense, A Penna, Correio de Ilhéus, A Tarde, Estado da Bahia, todos encontrados no Arquivo Público da Bahia e nos arquivos de Rio de Contas e Caetitê.

complementar informações e elucidar singularidades dos cenários e contextos presentes nas narrativas.

Em um primeiro momento, procuramos mostrar os embasamentos teóricos e metodológicos que subsidiaram as opções de percurso e as especificidades do trabalho com memórias e ficções. Apresentamos os perfis das memorialistas escritoras para entrevermos suas visões de mundo, as produções literárias selecionadas, as condições de publicação e as dificuldades enfrentadas para tal pleito.

Na segunda seção, analisamos os enfoques narrativos das memorialistas e memorialistas-escritoras na seara da produção escrita, vislumbrando as articulações do tempo-vivido com o momento da escrita. Se algumas se centraram em uma escrita de si propriamente, outras enveredaram por memórias de lugares e de pessoas que integraram suas convivências. Subjetividade, memória e produção de si são pontuados juntamente com a observação da posição das narradoras nos contextos locais e na relação com o nacional.

Discutir as memórias autobiográficas, procurando deixar explícitos os imbricamentos do tempo subjetivo com o tempo histórico e mostrando a relação direta com o meio onde viveram as autoras e que foi palco dos seus conflitos e das suas lutas, é o objetivo da terceira seção. Foram elucidados os desafios da vida sertaneja, as estratégias empregadas pelos sujeitos da pesquisa e por outras mulheres, situações de sobrevivência para algumas, no limite de suas precariedades ou de situações mais humanizadas entre aquelas das classes remediadas ou mesmo abastadas. Aqui foram tomadas as vivências das narradoras especialmente das décadas de 1930 a 1960, embora sem delimitações rígidas. Essas trajetórias e experiências revelaram situações e circunstâncias, processos de formação, aperfeiçoamento e caminhos de superação do meio machista da vida sertaneja.

Na quarta seção, o enfoque recai sobre as transformações dos costumes, observadas e reveladas nas narrativas, considerando aquelas que escreveram sobre vários estágios de suas vidas, mostrando os

estilos de cada geração e como se viram imersas nas novas imagens surgidas nos contextos socioculturais do final do século XX. Essas escritas revelaram-se abertas às transformações nos estilos de vida seretanejos, às alterações nos trajes e formas de comportamento, hábitos alimentares e outras mais diretamente ligadas aos mundos femininos.

A quinta seção centra-se nos romances confessionais, que reúnem aspectos da vida real permeados por elementos ficcionais em que transparecem outros níveis de sensibilidades e de imaginação. Atentamos para vinculações ou posicionamentos críticos dos sujeitos femininos nos seus espaços de sociabilidade e buscamos confrontar processos históricos com os fatos contados, ficcionais ou imaginários, sob formas específicas de escrita romanesca e de romances autobiográficos. Esses romances, na perspectiva da crítica feminista, dão a ver os quadros da inserção das mulheres em temporalidades e distintos espaços da Bahia.

Enfocar as relações espaço-temporais ancoradas em um chão sociocultural e sob a ótica das mulheres que escrevem permitiu desnudar formas de constituição dos sujeitos femininos nas múltiplas faces do cotidiano, local em que os limites ideológicos dos papéis normativos tradicionais podem ser postos à prova. As vivências habituais registradas refletiram as suas escolhas, condições de vida, mentalidades, em nuances reveladas ou escamoteadas e trouxeram pistas sobre práticas informais ou estratégias de sobrevivência que hoje incentivam novos estudos no campo das Ciências Sociais e das relações de gênero. Esmiuçando o cotidiano, as produções selecionadas trouxeram evidências que, segundo Dias (1998, p. 258), permitem “[...] abarcar o conhecimento dentro das necessidades concretas dos seres humanos em sociedade, face a totalidades hegemônicas, à cultura massificada.”